

**GRITOS SEM VOZ, A ARTE DE UMA ESCRITA INVADIDA PELA PERCEPÇÃO:
ENTREVISTA COM ANTÔNIO CARLOS AMORIM**

**VOICELESS SCREAMS, THE ART OF WRITING INVADED BY PERCEPTION: AN
INTERVIEW ANTÔNIO CARLOS AMORIM**

**GRITOS SIN VOZ, EL ARTE DE ESCRIBIR INVADIDO POR LA PERCEPCIÓN:
ENTREVISTA A ANTÔNIO CARLOS AMORIM**

Ana Carolina Justiniano¹ 0000-0002-3880-3779

Antônio Carlos Rodrigues de Amorim² 0000-0002-0323-9207

¹ Universidade Federal do Sul da Bahia - Teixeira de Freitas, Bahia, Brasil; anac.justiniano@gmail.com

² Universidade Estadual de Campinas - Campinas, São Paulo, Brasil; acamorim@unicamp.br

RESUMO:

Pensar e pesquisar o currículo e os cotidianos a partir dos encontros com os corpos e as superfícies por eles criadas, por onde os sentidos possam deslizar, utilizando uma escrita a-significante torna possível a criação de meios de encontrar coisas ainda não definidas, não nomeadas, que podem trazer inspirações dos não ditos nos cotidianos escolares. A escrita inventiva em *Gritos sem Voz* (2008), escrito pelo professor Antônio Carlos Rodrigues de Amorim, expande as possibilidades de pesquisa no campo do currículo ao destacar a força da sensação, das imagens e dos vividos na escola como inspiração para compor uma linguagem agramatical, sensível ao incorpóreo e ainda em devir. Esta conversa-entrevista busca atualizar a escrita como uma linguagem que foge da profundidade e cria uma superfície que se estende no texto, invadida pela percepção. Trata-se, portanto, de uma escrita à espreita, que ao gaguejar e tropeçar na língua, inspira possibilidades de dilatar o tempo de contato com o acontecimento.

Palavras-chave: currículo; cotidiano; escrita inventiva.

ABSTRACT:

Thinking about and researching the curriculum and daily life from the perspective of encounters with bodies and the surfaces they create, through which the senses can glide, using an a-signifying writing process, brings the possibility to create ways of finding things not yet defined, unnamed, that can bring inspiration from the unspoken in school life. The inventive writing in *Gritos sem Voz* (2008), written by Professor Antônio Carlos Rodrigues de Amorim, expands the possibilities of researching in the field of curriculum by highlighting the power of sensation, images, and lived experiences at school as inspiration for composing an agrammatical language, sensitive to the incorporeal and still in becoming. This conversation-interview seeks to update inventive writing as a language that escapes depth and creates a surface that extends into the text, invaded by perception. It is, therefore, a writing on the lookout, which, by stammering and stumbling over language, inspires possibilities of dilating the time of contact with the event.

Keywords: curriculum; daily life; inventive writing

RESUMEN:

Pensar e investigar el currículo y la vida cotidiana desde la perspectiva de los encuentros con los cuerpos y las superficies que crean, a través de las cuales los sentidos pueden deslizarse, mediante un proceso de escritura a-significante, permite crear formas de encontrar cosas aún no definidas, sin nombre, que pueden inspirar lo tácito en la vida escolar. La escritura inventiva en *Gritos sem Voz* (2008), del profesor Antônio Carlos Amorim, amplía las posibilidades de investigación en el campo del currículo al resaltar el poder de la sensación, las imágenes y las experiencias vividas en la escuela como inspiración para componer un lenguaje agramatical, sensible a lo incorpóreo y aún en devenir. Esta conversación-entrevista busca actualizar la escritura inventiva como un lenguaje que escapa a la profundidad y crea una superficie que se extiende hacia el texto, invadida por la percepción. Es, por lo tanto, una escritura en la vigilia, que, al tartamudear y tropezar con el lenguaje, inspira posibilidades de dilatar el tiempo de contacto con el acontecimiento.

Palabras clave: currículo; vida cotidiana; escritura inventiva.

A escrita que esvazia o currículo

Gritos sem voz: algo que não se escuta, que não tem a palavra como força maior, que não tem a força muscular, ou seja, a força da sensação. O texto que inspira esta conversa associa-se ao projeto de pesquisa *Escritascurrículo: Diferenças em Acontecimentos*, coordenado pelo professor Antônio Carlos Rodrigues de Amorim, fala sobre praticar, imaginar, fabular, inventar e criar uma linguagem a-significante como possibilidade de percorrer o currículo que acontece por entre as pesquisas.

O artigo, brilhantemente composto por textos fragmentados, é um instigante recorte de estilos e estéticas que afirmam outros possíveis na pesquisa no campo do currículo e apresenta movimentos que entendem a dimensão poética da imanência ao esvaziar o currículo e fazer vazar vidas possíveis nos cotidianos escolares. Trata-se, sobretudo, de uma escrita à espreita, aberta às sensações e invadida pela percepção do que ainda não nasceu.

O professor Antônio Carlos Rodrigues de Amorim é professor titular na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, na disciplina Cultura, Educação e Imagem. Sua pesquisa na área da Educação tem ênfase nas relações entre Currículos e Culturas Audiovisuais com grandes contribuições articulando a educação com a arte e cultura visual, tecnologias e comunicação, currículoimagens e pós-estruturalismo. É também pesquisador do Laboratório de Estudos Audiovisuais (Olho) e pesquisador associado no Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor). Tem ampla experiência na área de formação de professores e em pesquisas que articulam educação, arte e cultura visual; tecnologias e comunicação; currículo, imagens. Ao longo de sua trajetória, tem desempenhado importantes funções em diferentes órgãos e associações como CAPES, ALB, CNPq e ANPEd.

Registramos nosso agradecimento ao professor, a quem chamaremos carinhosamente de Toninho nesta entrevista, pela conversa que nos permitiu pensar sobre os não ditos, os encontros fora do lugar e por nos apresentar formas de pensar as pesquisas em educação através de potencialidades que se abrem por uma escrita pragmática da invenção, que gira com o bambolê¹ e entra nos movimentos da escola.

Uma conversa sobre currículo, encontros, sensações e devir

Ana Carolina: Muito obrigada pela oportunidade da conversa sobre Gritos sem Voz e por nos apresentar uma escrita que escapa da linearidade, cria uma linguagem, que foge à representação da escola, dos encontros.

Toninho: Depois que você me disse que queria conversar sobre esse texto, eu o reli pra ver o que eu havia escrito. Eu gosto muito do resumo desse texto, porque são ensaios, a ideia é que o resumo apontasse para algumas possibilidades teóricas em que as pessoas se perdessem na hora que encontrassem os textos fragmentados, porque, de fato, eles não ficam explicando o que o resumo indica. Particularmente eu gosto porque era uma época...² eu continuo interessado nisso, mas era uma época em que eu estava mais interessado em lidar com o agramatical, que depois foi tendendo para uma certa ideia do diagrama. Mas ali acho que tem uma imagem pragmática, que foi o que acabou me fazendo voltar ao texto porque eu estava escrevendo um texto recentemente que tem uma relação com a linguagem. Esse poder de você criar tipos de rasuras, mais que uma rasura, acho que era uma fenda, era uma época de radicalidade de pensamento, que a gente vai mudando, passam os anos, às vezes você fica mais, digamos, mais radical e menos radical em determinadas direções. Mas ali é uma leitura que é com o Deleuze, de Lógica do Sentido que foi muito importante pra mim, por ter vindo de encontro a algo que é muito estrutural, que eu tenho conseguido pensar... que é como, ainda com palavras que criemos encadeamento de sentido e escrevemos em uma língua que existe, não se cria uma língua diferente... e é por esse exercício que se faz um combate à representação, às lógicas da representação que são as lógicas relacionadas à identidade... à relação entre forma e expressão que tem bastante a ver com o corpo... a identidade, a analogia, que são os processos da relação com a linguagem aos quais Deleuze e Guattari também nos colocam frente a essa pressão, de que se a gente segue trabalhando com essa maneira de representar o mundo, a gente está seguindo com algumas maneiras mais estabelecidas ou pré-estabelecidas dos lugares dos

¹ Referência a um dos fragmentos do texto, intitulado Jéssica e o Bambolê.

² Tentamos, ao transcrever a conversa, manter os silêncios utilizando reticências.

sujeitos, dos lugares dos corpos e dos lugares das sensações. Então, é algo muito impactante pra mim.

Ana Carolina: Você não criou uma nova língua, mas criou uma nova linguagem ...

Toninho: Sim. Primeiro, porque o texto trabalha com fragmentos e não o fragmento como texto fraturado. O texto se compõe em três fragmentos, que são Jéssica e o Bamboê, uma discussão sobre formação de professores e professoras... formação inicial, ou seja, eu estava acompanhando estudantes no Estágio Supervisionado em escolas de Campinas, que é o caso de Jéssica e o Bamboê e os dois outros fragmentos são registros que os estudantes fizeram de experiências e vivências e construção com linguagens na disciplina Escola e Cultura, especialmente linguagens audiovisuais... então essa possibilidade da relação da linguagem com algo que fosse agramatical, que fosse pragmático, mas que não fosse gramatical, tal como a alfabetização, por exemplo, não fosse encadeador de sentidos das letras, formando palavras entre si que encadeiam significados; é um texto, eu acho, que cada leitor e cada leitora pode fazer uma entrada.

Ana Carolina : Um texto que ganha outras vidas em cada leitura...

Toninho: Os fragmentos desse texto têm algo interessante... que eles apontam, primeiro como eu disse, pra essa crítica à representação, mas representam, não é? Porque se eles são compreensíveis, se você lê e consegue entender alguma coisa é porque de certo ponto, a relação da linguagem com a representação se manteve...e claro que se você entra em um texto e na outra página tem alguma coisa totalmente diferente, essa leitura causa um certo tipo de interrupção de uma tendência linear na representação. Isso era proposital, colocar no papel um fragmento mesmo, aproximando-me do conceito de fragmento em Derrida, por exemplo. Mas o que eu acho também interessante ali, é que todos eles nascem de uma experiência de relação corporal com o espaço escolar. Por exemplo, a Jéssica é uma criança que... eu estava esperando entrar em uma aula para acompanhar estudantes que entravam em um laboratório. Eram aulas práticas do laboratório de ensino de Biologia, e eu estava entre uma aula e outra. Eu cheguei atrasado para acompanhar aquele momento da aula e adiantado para a próxima, e teria que entrar na sala com a aula já acontecendo. Eu preferi ficar no pátio, ali perto da cantina, perto da diretoria e aparece Jéssica que estava de castigo... de castigo e adorando... Eram tantas vezes que ela ficava de castigo que a diretora já a colocava pra fazer alguma coisa por ali e a deixava naquela ambiência. Éramos duas pessoas fora da sala de aula... era um encontro fora do lugar, uma coisa muito interessante, que tem a ver com o espaço. Como os demais textos, quando as estudantes produzem fotografias do espaço escolar e se colocam ali com algum tipo de experiência de

memória; ou com uma cápsula do tempo que era observada pelo estudante a partir da sua casa, que se localizava ao lado da escola, e depois quando ele vai estagiar nessa mesma escola, ecoa o que essa cápsula do tempo guarda sobre a escola e sobre o tempo e sobre os desejos. Então, eu acho interessante essa junção, porque ela trata do espaço... só que o atravessamento é todo temporal, a escrita é temporal e isso foi um exercício muito importante de se fazer para mim. Por que, em geral, uma boa parte das pesquisas que se fazem sobre currículo, com o currículo e com a escola, ou mesmo como se fala sobre realidades da escola, faz-se uma referência metafórica [às vezes não é tão metafórica assim, poderia ser outra figura de linguagem] com o chão da escola, com aquilo que acontece cotidianamente. E aí tem esse giro temporal, que é constante na relação do/com o espaço; isso claro nas pesquisas que estão trabalhando sob estas perspectivas, com as quais eu me aproximo mais. Dentro das grandes linhas das pesquisas brasileiras no campo do currículo, certamente as pesquisas que trouxeram perspectivas pós-estruturalistas com ou sem os estudos do cotidiano. É aí que eu me encontro conversando, se eu vou para a escola, eu olho pra escola do ponto de vista de que os acontecimentos menores são mais importantes do que o sobrevoo.

Ana Carolina: É interessante porque a escrita aguça percepções por não ser fragmentada e não narrativa...

Toninho: Quando você me disse que era o Gritos sem Voz, eu me lembrei de que há muito tempo, quinze anos talvez, Tania Delboni e Sandra Kretli³ conversaram sobre o texto, e era algo bem simples, uma conversa breve que era do grupo de estudos da Janete Carvalho e Carlos Eduardo Ferraço⁴ naquela época, eu pensei, vou ler de novo, porque se está chamando atenção, é porque esse texto deve ter alguma coisa que eu nem me lembro, por isso eu estou te contando o meu encontro com o texto, o que ele foi acendendo;]// tem muita de intuição com o início das minhas leituras de conceitos de Deleuze e Guattari.

Ana Carolina: À medida que lemos o texto, o leitor cria imagens na mente, a gente imagina a Jéssica, sentimos as dores da Janaina, ficamos incomodados com o castigo, são várias sensações ao ler esses encontros. Ao convocar uma escrita sobre os encontros, o texto diz “nasce a esperança de existir, que pode ser a potencialização das intensidades”. Fale um pouco sobre isso...

³ Sandra Kretli da Silva e Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera Delboni são professoras e pesquisadoras do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo.

⁴ Referência aos grupos de estudos Currículos, Cotidianos, Cultura e Redes de Conhecimento, coordenado pelo professor Carlos Eduardo Ferraço e Currículos, Culturas, Linguagens e Formação de Professores, coordenado pela professora Janete Magalhães Carvalho, ambos, na época, pesquisadores do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo.

Toninho: (risos). Eu acho que você pegou um aspecto crucial... Quero de novo te agradecer e também aos organizadores por me permitirem voltar ao texto. Bom, Jéssica e o Bambolê, eu nunca conseguiria escrever de novo daquele jeito. Esse encontro é realmente um presente pra mim. Até hoje eu fico muito emocionado com a Jéssica... e agradecido. Porque Gritos sem Voz é um texto que, por reunir extratos de outros textos e registros relacionados ao meu trabalho como professor universitário formando outros professores, tem muitos atravessamentos que são da experiência docente. Muitos textos não nascem da experiência docente, não é que todos deveriam nascer, mas esses são. Nesta escrita, o que individua... é o fato de que eu estava professor, no encontro com as/os alunas/os e tudo mais... e nesse trecho especificamente que você está dizendo tem uma marca que é como que, dessa experiência tão existencialista de professor com o aluno/ a aluna, seja na universidade ou na escola, a gente pode buscar uma maneira de escrever sobre esse encontro sem apagar que ali há aspectos da vida humana que poderiam se verter a um tipo de escrita narrativa em que a vida é quase uma biografia; e fazer outra coisa, criar determinados tipos de personagens, ou olhar pra esse momento, para o vídeo, para a fotografia que está no registro de estágio em que aparece uma cápsula que se moveu, uma escola que se reformou toda e a cápsula ficou ali, ou os gestos da Janaína, ou o bambolê, porque de tudo que eu poderia falar do encontro com a Jéssica foi o bambolê... então claro que é a Jéssica... porque a Jéssica é muito forte (risos)... a Jéssica não seria apagada pelo bambolê e a ideia da linguagem é que o bambolê fosse um modo de girar essa escrita com a Jéssica. Então hoje em dia o termo potencializar ficou um pouco banalizado, tudo é potência, ok... potência é uma palavra que existe e não precisa ser um conceito, nesse caso especificamente, o que parece que eu queria dizer, é que entre essas existências, que geralmente estamos trabalhando com outras pessoas, e, assim, mais possivelmente vão ser existências da vida humana, abrem-se potencialidades, aí sim, por uma escrita a-significante ou por uma pragmática de invenção, se nós criarmos alguns tipos de personagens ou intercessores que nos conduzam pra outra maneira de representar aquilo que foi vivido e que não especificamente se trata de nós mesmos... eu acho que a potência é uma coisa de campo de força, então entre mim e a Jéssica, o que ela estava contando e ela girando no bambolê eu me grudei no bambolê, porque foi um modo de entrar no movimento que ela fazia e girar junto com ela.

Ana Carolina: E a gente gira juntos à medida que vai lendo...

Toninho: Quando você vai pra escola... a escola é muito ruidosa, tem muito barulho. Pensamos: vamos gravar o barulho dessa escola e fazer uma decupagem desse barulho até tudo aquilo que é inaudível ser transformado em algum tipo de fragmento que dispare em quem está fazendo

esse exercício uma vontade de escrever, criar um campo de forças com esse ruído, criar uma cápsula do tempo que está parada e a escola inteira está se movendo, inclusive arquitetonicamente.

Ana Carolina: Isso nos lembra dos “sem sentidos da superfície vividos por Jéssica que proliferam acontecimentos via incorporeidades” de que você fala no texto... Que pensamentos te tomam, a partir dessa escrita, pensando nos cotidianos?

Toninho: Eu penso que é um trecho que tem muita reflexividade e não um reflexo, o que faz com que a gente possa trazer para um conjunto de sensibilidades sobre um título do texto. Por que o que há em *Gritos sem Voz*? Uma ação, pelo título você imagina que é um grito, mas é um grito que geralmente não faz com que você escute uma voz, então à medida que a gente pode lidar com o incorpóreo, com aquilo que está ainda em devir para alguma figuração possível, algo que a linguagem possa buscar, mas manter ainda em suspensão; ou seja, não figura, quando está começando a figurar. Ocorre que a gente foge da profundidade e vai pra uma superfície que se estende na escrita, porque isso tem a ver com a escrita. Os elementos com os quais a gente tem relação no cotidiano são percebidos como corpos e também percebidos no encontro com o nosso corpo; criar superfície entre esses corpos, e fazer com que os sentidos possam ir deslizando, é uma aventura importante para a educação, por que nesse caminho, a gente pode encontrar algumas coisas que ainda não são definidas, ainda não estão pra serem nomeadas, e portanto, elas podem trazer inspirações de algo ainda não dito, de algo que não tem uma palavra, pode ser um grito sem voz, que é uma coisa que você não escuta, você não tem a palavra como força maior, você não tem a força muscular, a força é da sensação, a força da figuração, de uma boca aberta, de um olho arregalado, ou não tem cabeça, só tem uma boca, não tem mais nada, uma corda vocal balançando dentro mas você não escutando.. é um pouco por aí.

Ana Carolina: A Jéssica é quase um *cliché* de uma criança que está na escola de castigo. O desaparecimento do bambolê e outros fragmentos falam muito sobre o que a gente vive na escola. A Jéssica nos convoca a pensar no que está à espreita, no que escapa e o texto fala que são nos vazios que o quase acontecimento se instaura. A escrita como composição artística, destaca a força do encontro...

Toninho: Eu penso que sim. Tem dois aspectos que eu gostaria de abordar, aproveitando sua gentileza e sensibilidade nessa leitura. Uma é com relação ao *cliché*. Quando eu digo que ela é quase um *cliché*, é por que... todo cotidiano, todo aspecto do real tem presença de ideias que são amplas, ideias que, por exemplo, poderiam fazer a gente passar mais rápido pela Jéssica,

afinal de contas, são tantas crianças que são dessa forma, que estão em uma condição social complicada, a escola com práticas injustas de punição; então a Jéssica passaria, o bambolê desapareceria a gente não nos daria o tempo necessário para ficar com essa condição que o encontro permitiu. Por que a gente se encontra com o *cliché*? Não necessariamente a gente precisa rapidamente interpretar, a partir do que o *cliché* nos sugere. Então essa é a ideia, não daria para transformá-la numa criança que está de castigo, na escola, a violência e pronto. É preciso um tipo de escrita que claro, pode ser uma escrita inventiva, mas pode ser a escrita de um caderno de campo, pode ser a escrita que é não é palavra, é uma escrita de percepção, é uma escrita háptica, em que além de sentir você também se aproxima, tateando aquele acontecimento. Porque eu, depois de ter escrito o texto, passei alguns dias pensando se eu não tinha inventado tudo aquilo, tamanha foi a força da escrita. Eu a encontrei, não a inventei como o fato, agora a escrita coloca o encontro em várias outras dimensões que não são dimensões que a própria pessoa que lê vai achar que aconteceu, respondendo à segunda parte que você indica. É isso mesmo, eu acho que os estudos com/no /dos cotidianos exigiriam que a gente fosse ao encontro da invenção de outras maneiras de narrar, de outras maneiras de escrever e diagramar aquele conjunto de acontecimentos, pode ser cartografar, isso depende dos veios teóricos. Penso que sim, que é um tipo de escrita que se aproxima mais da estética do que da racionalidade científica. E esse meio se aproxima mais, não é uma coisa que é um contraponto: é que há um campo de sensibilidades que a gente vai buscar pra escrever e esse campo eu acho que cada vez mais é importante que a gente tenha a experiência estética como uma referência, não só de apreciação estética, de estudo estético, mas de uma construção de olhar estético relacionado ao mundo, para a gente entrar nesse mundo e dali ver o que a gente pode puxar como referências.

Ana Carolina: É uma escrita que escapa de qualquer tentativa de encaixe de justificativa de julgamento...

Toninho: De julgamento de juízo... Posso acrescentar algo? Tem uma coleção de cinema chamada Cada um com seu Cinema, composta por diretores premiados que foram convidados para fazer vídeo de um minuto. Muitos deles escolheram as salas de cinema como referência. Tem um filme da Ucrânia, que começa na primeira filmagem com uma propaganda da Coca-Cola. Em um país de tradição socialista, a câmera vai caminhando para o ponto de ônibus onde há uma propaganda de painéis *led* da Coca-Cola; e a câmera vai seguindo, seguindo e encontra um cinema de rua. Ali está passando um filme, naquela época sempre passava consecutivamente o mesmo filme, sempre com um público pequeno e a moça que trabalha na bilheteria, quando o filme começa e ela assiste à primeira sessão, depois à segunda. É o cinema

filmando dentro do cinema grande, a tela do cinema, mesmo filme com alguém se emocionando quase sempre com a mesma cena e não se cansando de assistir àquele filme. Era a moça da bilheteria, isso tudo em menos de um minuto. Depois a câmera sai dali e volta, faz o caminho contrário, passa em frente ao ponto de ônibus e filma a Coca-Cola. A primeira vez que a gente vê a Coca-Cola, e a gente sabe que é em um país de tradição socialista e com o regime capitalista atualmente...surge o *cliché* do capitalismo. A gente tende a classificar como crítica... Mas o filme vai pra outro lugar. Quando volta e apresenta a mesma imagem, a gente não consegue lançar nenhuma referência que fosse ao capitalismo como um *cliché*. O movimento narrativo da câmera esvazia o *cliché* e traz uma força... que é a força daquela sala de cinema, daquela temporalidade, daquele tipo de apreciação. Quando volta para a Coca-Cola, a gente pensa muito mais por que está numa situação de aceleração e compressão espaço temporal, e que tem muito mais a ver com a subjetividade [do “olha da câmera”, da montagem do filme] do que com o consumo; claro que o consumo também tem a ver com subjetividade, mas ele não a totaliza. Com relação à formação e apreciação sobre o cinema, é sobre esvaziar o *cliché*, eu gosto de citar esse exemplo, para falar sobre o esvaziamento do *cliché*.

Ana Carolina: Gritos sem Voz traz isso, da capacidade de esvaziar os *clichés* nos vídeos do produzidos...

Toninho: O cinema, o processo de agilizar o que o cinema nos educa em termos de agilizar a impressão do tempo. Porque uma imagem, hoje quando assistimos a um filme, a gente não fica pensando no tempo de fabricação daquela imagem, no que o impacto com o real faz nascer na percepção e consciência do público, porque nossa realidade pode ser insuportável se constantemente o cinema nos “esclarecesse” que se trata tudo de edição, montagem, narrativa e fabricação. Os exercícios nos primeiros cinemas, que eram cinemas experimentais que extraíam o sentimento a partir do contato com a natureza, e nem por isso eles também são muito violentos, nos ensinaram a lidar com essa percepção sentimental de uma maneira ainda não existente. Por exemplo, em um filme de ação, a gente liga um *play*... Alguns cinemas têm tentado diminuir essa velocidade com a relação da nossa realidade. Penso que algumas das escritas na área da educação e especialmente na área de currículo poderiam se inspirar nessa possibilidade de dilatar o tempo de contato com o acontecimento. Porque às vezes a câmera cria a espera nos expectadores e nas expectadoras de alguma coisa que não se realiza. Para escrita acadêmica científica isso parece impossível, porque você não vai chegar a um lugar, não vai apresentar um resultado, não vai revelar o que você encontrou. O que desejaria é uma escrita que deixa você à espreita e a qualquer momento algo pode surgir, não porque a escrita vai

explicitar, mas porque você vai ser potencialmente invadido na sua percepção. É uma coisa muito bonita, essa chance de criar.

Ana Carolina: Tudo muito orgânico...

Toninho: É muito orgânico, tem muito organismo na escola. Eu estava me lembrando à medida que a gente estava conversando de algo que agora faz mais sentido contar, de uma coisa que eu tinha pensado em compartilhar com você. Pesquisamos em uma escola de crianças em Campinas. Lá eles tiravam fotos das crianças, gravavam em DVD e entregavam aos pais/responsáveis no fim do ano. Uma escola recém inaugurada em uma região que não era pavimentada, de terra vermelha. A escola era popularmente chamada de Escola Branca. A primeira cena de que me recortado são as crianças entrando na escola, e levavam a poeira vermelha pra dentro da escola; simultaneamente, alguém da escola estava com um pano de chão limpando atrás; marcas e apagamentos eram sincronizados.

A primeira ação que fizemos foi a produção de um vídeo com fotografias e sons experimentais dos ruídos da escola que se chama Marrom Azul. Foram fotografias do entorno da escola, no qual muitas casas tinham portões e paredes azuis. Fizemos a primeira instalação na escola, que não podia ter nenhum tipo de dano à sua condição de nova e de branca. Então fizemos uma apresentação para os familiares com projeções nas paredes, nós sujamos as paredes, as pessoas se identificavam, porque viam suas casas e a gente levou a poeira para dentro da escola, foi a primeira ação. As coordenadoras nos perguntavam como daríamos uma devolutiva à escola sobre o conjunto de imagens que compunham o acervo anual. Conversando com as imagens, escolhemos dentro do conjunto enorme de fotografias, aquelas que continham círculo. Podiam ser bacias, tigelas, bolas, chapéus, tudo que tinha o círculo como referência. Fizemos cópias preto e branco e forramos a sala de brinquedos, cobrimos o chão com papel *kraft* e enchemos a sala com muita escola. Era dentro da escola, a dobra da escola sobre ela mesma. E ficou uma semana... As crianças visitaram, entraram, tinha também os bebês. Uma verdadeira maravilha. Primeiro as crianças entraram, viram aquilo tudo e disseram: “Onde está a sala de brinquedos?” Elas entraram e podiam correr e brincar ali. Porém, entraram e esperaram papel pra pintar. “Vocês podem colorir essas imagens que estão aqui, vocês podem brincar aqui e pintar”. Elas foram se reconhecendo e pintaram, ou seja, aquilo foi um momento pra elas entrarem e terem esse contato. O que eu quero te dizer, é que também, pra mim, no que eu tenho analisado nas pesquisas com as escolas, a gente tem que ir com uma ação de transformação de algum aspecto da organização escola e quão mais ele for próximo de alguma coisa corpórea, de organismo; por exemplo, você pega uma sala da escola e enche aquela sala de mais escola e coloca as

crianças para colorir.

Uma semana se passou e nós descascamos tudo. Foi algo catártico. Era uma escola que você não podia colocar um papel na parede, nada colado ou pendurado nas paredes. Então, o chão da escola estava sendo descascado, era papel, tinta, lápis de cor, xixi... Tivemos que reformar a sala. Aquele amontoado de papel picado, rasgado, aquilo tudo que foi descascado, foi guardado e realizaram-se oficinas de reciclagem de papel. No final do ano as/os responsáveis receberam um bloco de papel com a capa feita de papel reciclado dessa experiência que aconteceu na escola, dessa experiência rasgada. O trabalho durou um ano. Para as/aos professores foi uma experiência catártica, gerou um negócio muito forte. Para as crianças quando elas chegaram na semana seguinte e não encontraram mais a sala forrada com imagens, perguntaram para onde a sala havia fugido. A ideia era não deixar nenhum marco monumental, que fizesse a experiência ser nomeada e perdurasse objetivamente. Aquela experiência acidental foi fugaz, ela não perdura como algo a ser registrado. Outra ação do projeto, foi quando pedimos às/aos responsáveis para levar algum objeto que as crianças não usavam mais. A proposta era trabalhar com o poema do Manoel de Barros, “Ruína” e construir uma ruína para os objetos abandonados, esquecidos. O poema é sobre isso, a construção de uma ruína para abrigar o amor. A ideia era fazer uma ação sobre esses objetos, modificá-los. Qual não foi nossa surpresa quando chegaram, por exemplo, o primeiro sapatinho, uma roupa de batismo, uma boneca, o primeiro brinquedo, o primeiro livro. A ideia era criar uma ruína para esses objetos. Separamos os objetos, as professoras, os monitores escolheram quais queriam trabalhar e inventaram histórias sobre eles. Em alguns casos, as crianças contaram o significado do objeto pessoal para elas. Isso também foi trazido para a escrita. Uma ruína dentro da gramática da significação. Depois, fizemos vários móveis na sala, na altura das crianças por exemplo, de um lado a foto do sapatinho e do outro lado tinha o texto escrito. A criança não saberia ler no código da escrita normativa, mas poderia ver, olhar o objeto dela. Agora imagine os pais chegando e se divertindo com uma história que não era aquela do objeto, não os expunha, inclusive, do ponto de vista de qualquer passado.

A escola tinha inventado uma história para contar para as crianças.

Levaram uma lembrancinha, fragmento da experiência. O papel reciclado é a história da escola dobrada sobre si mesma e que foi transformada em outra forma. A partir daí escrevi vários textos inventivos.

Referências

AMORIM, Antônio Carlos Rodrigues de. Gritos sem voz. *In*: MACEDO, Elizabeth; MACEDO, Roberto Sidnei; AMORIM, Antônio Carlos (Orgs.). **Como nossas pesquisas concebem a prática e com ela dialogam?**. 1ed. Campinas: FE/Unicamp, 2008. p. 14-22.

AMORIM, Antônio Carlos Rodrigues de. Quando os outros são incorpóreos na/da/pela imagem. *In*: VILELA, Eugénia (Org.). **Sismografias. Estética(s) e Artes II**. 1ed. Porto: Edições Afrontamento, 2011. p. 55-66.

AMORIM, Antônio Carlos Rodrigues de. Desalinhas. *In*: SARAIVA, Karla; MARCELLO, Fabiana de Amorim (Orgs.). **Estudos Culturais e Educação: desafios atuais**. 1ed. Canoas: Editora da ULBRA, 2012. p. 295-308.

AMORIM, Antônio Carlos Rodrigues de. Diagramas para um currículo-vida. **Humanidades & Inovação**, v. 8, n. 5, p. 406-420, 2020.

SOBRE O(S)/A(S) AUTOR(ES)/A(AS)

Ana Carolina Justiniano. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo. Professora da Universidade Federal do Sul da Bahia. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5340042735893083>

Antônio Carlos Rodrigues de Amorim. Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Docente da Universidade Estadual de Campinas. Diretor de Articulação e Inovação em Educação Aberta da CAPES. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3988331743668197>

Como citar

JUSTINIANO, Ana Carolina; AMORIM, Antônio Carlos Rodrigues de. GRITOS SEM VOZ, A ARTE DE UMA ESCRITA INVADIDA PELA PERCEPÇÃO: entrevista com Antônio Carlos Amorim. **Revista Espaço Currículo**, v. 19, n. 1, e78426, 2026. DOI: 10.15687/rec.v19i.78426.